



COMPETÊNCIAS SOCIAIS DE ADOLESCENTES IMIGRANTES E NATIVOS.

Telma Marília Flora Ribeiro

**Dissertação para a obtenção de grau de Mestre em Psicologia da
Educação**

Trabalho elaborado sob orientação da
Prof. Doutora Maria Cristina de Oliveira Salgado Nunes

2013

COMPETÊNCIAS SOCIAIS DE ADOLESCENTES IMIGRANTES E NATIVOS.

Telma Marília Flora Ribeiro

**Dissertação para a obtenção de grau de Mestre em Psicologia da
Educação.**

Trabalho elaborado sob orientação da
Prof. Doutora Maria Cristina de Oliveira Salgado Nunes

2013

2

COMPETÊNCIAS SOCIAIS DE ADOLESCENTES IMIGRANTES E NATIVOS

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DE TRABALHO

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

(Telma Ribeiro)

Copyright by

Telma Marília Flora Ribeiro

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Para Isa Ribeiro, a minha inspiração.

Resumo

A imigração representa uma fonte de enriquecimento social, cultural e económico, mas é também uma fonte de problemas e conflitos sociais. Trata-se de um processo stressante associado, no caso de adolescentes, aos desafios relacionados com a adaptação ao contexto escolar, ao grupo de pares, ao ambiente cultural e social, e muitas vezes a um novo idioma. Além disso, nesta fase os adolescentes imigrantes podem estar mais vulneráveis à exposição a fatores de risco, sendo que o processo de integração pode resultar em consequências graves e negativas, de longa duração.

Neste estudo, foram comparadas as competências sociais dos adolescentes imigrantes e nativos e analisadas as relações com alguns indicadores de desempenho académico. A amostra foi composta por 407 adolescentes (157 imigrantes e 250 nativos), com uma média de 14 anos de idade, residentes no Algarve. Foi aplicada a *Social System Rating Scale* e um questionário de dados sociodemográficos.

Os resultados sugerem uma relação positiva entre as competências sociais e o sucesso académico. Os estudantes imigrantes relataram maior absentismo escolar, quando comparados com os nativos. No entanto, não foram observadas diferenças significativas entre os adolescentes imigrantes e nativos no que toca às competências e sociais ou outros indicadores de desempenho académico.

Palavras-chave: Adolescência, Imigração, competências sociais, desempenho académico.

Social skills of Portuguese immigrant and native adolescents

Abstract

Immigration represents a source of social, cultural, and economic empowerment but also a source of problems and social conflicts. In the process of integration, adolescence is a critical period, since at this stage immigrant adolescents may be more vulnerable to the exposure to harmful factors, which often leads to serious and long lasting negative outcomes. Therefore, the individual's vulnerability may interact with the immigrant situation as social group. Immigration is a stressful process associated, in the case of adolescents, with challenges regarding the adaptation to the school context, the peer group, the cultural and social environment and often the new language.

In this study, we compared the social skills of immigrant and native adolescents and its associations with some indicators of the adolescents' academic adjustment. The sample consisted in 407 adolescents (157 immigrants and 250 natives), with an average of 14 years, living in the Algarve. We administered the Social Skills Rating System and a questionnaire of socio-demographical data.

Results suggest a positive relationship between social skills and academic failure. Immigrant students reported greater school absenteeism, when compared to native students. However, we did not observe significant differences between immigrant and native adolescents in social skills competences or other academic adjustment indicators.

Key-words: Adolescence, Immigration, Social Skills, Academic Achievement.

Índice Geral

Introdução.....	8
Revisão da Literatura	9
Objetivo da Investigação	15
Método	15
Participantes	15
Instrumentos	16
Procedimento.....	17
Resultados.....	17
Discussão	22
Conclusão.....	24
Referências Bibliográficas.....	25

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos adolescentes pelo estatuto de imigrante/nativo e sexo	17
Tabela 2- Dados sociodemográficos dos adolescentes imigrantes, geração, nacionalidade e estrutura familiar.	18
Tabela 3- Número de anos a residir no país estrangeiro.....	19
Tabela 4 - Estrutura familiar da amostra.....	19
Tabela 5 - Situação atual de emprego dos pais	19
Tabela 6 - Habilitações literárias dos pais e qualificação do trabalho atual.....	20
Tabela 7. Desempenho académico dos adolescentes imigrantes e nativos.	20
Tabela 8 - Diferenças no desempenho académico segundo o sexo e o estatuto de imigrante..	21
Tabela 9 – Correlações entre o desempenho escolar e as competências sociais.....	21
Tabela 10 - Diferenças nas competências sociais de acordo com o género.....	22

Índice de Figuras

Figura 1 - Distribuição dos adolescentes imigrantes pelas diferentes nacionalidades.....	18
--	----

Índice de Anexos

Anexos - Carta dirigida ao diretores da escola e aos encarregados de educação	30
---	----

I. Introdução

A migração internacional, nas últimas décadas, tem sido considerada um dos maiores desafios a nível mundial, surgindo como fonte de reflexão para muitos países. À semelhança dos mesmos, em Portugal há uma reconhecida necessidade de compreensão deste fenómeno e do seu impacto, quer para nos países de acolhimento, trânsito e origem, quer para as populações, migrantes e nativas (Dias & Gonçalves, 2007)

Os adolescentes imigrantes, como todos os outros jovens, necessitam ajustar-se com sucesso nas tarefas típicas da sua fase desenvolvimental, assim como nas funções exigidas pelos diferentes contextos, contudo, no caso dos imigrantes a situação agrava-se, na medida em vivem entre duas realidades culturais distintas (Hernandez, Denton, & Macartney, 2008). Neste sentido, a aculturação, surge como um processo de desenvolvimento em que o jovem aprende a funcionar de forma eficaz dentro do contexto sociocultural do país de acolhimento. (Sam, Kosic, & Oppedal, 2003). Porém, para facilitar a adaptação do jovem imigrante, é importante dotá-lo de competências que facilitem a sua integração, nomeadamente as competências sociais.

Em Portugal têm sido realizados vários esforços no sentido de promover a adaptação das minorias étnico-culturais, nomeadamente diversas organizações públicas e privadas que elaboram e implementam políticas de imigração, que objetivam a integração destas populações. Estudos atuais, reconhecem a necessidade de refletir sobre essas políticas e estratégias integradoras desenvolvidas até agora, salientando a importância de um maior conhecimento das comunidades imigrantes em cada contexto particular (Hernandez et al., 2008; Gaspar, 2008).

Deste modo, a presente investigação, pretende contribuir para um melhor conhecimento dos problemas que enfrentam os adolescentes imigrantes, esperando que seja útil para a delineação de estratégias e de intervenção, que permitirão reduzir os riscos e as vulnerabilidades a que estes adolescentes estão expostos, facilitando a integração dos mesmos. São focadas as competências sociais dos adolescentes imigrantes e nativos, procurando-se analisar diferenças existentes, assim como as relações entre essas competências e alguns indicadores de desempenho académico.

Assim, o primeiro capítulo da dissertação é dedicado à revisão da literatura onde serão abordados os seguintes conceitos: a imigração enquanto fenómeno atual, os adolescentes imigrantes enquanto grupo de risco e as competências sociais enquanto fator de proteção. No segundo capítulo serão explanados os objetivos da presente investigação. No terceiro capítulo, referente aos métodos do estudo, será apresentada a caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos de recolha e de análise dos dados. No quarto capítulo procede-se à apresentação e análise dos resultados, os quais serão discutidos no quinto capítulo. Por último, apresentam-se as conclusões do estudo.

II. Revisão da Literatura

1. *Imigração, enquanto fenómeno atual: estatísticas, causas, consequências e benefícios.*

A imigração é um fenómeno frequente no mundo atual e consiste na deslocação de pessoas de um país para o outro, com a ideia de permanência e de mudança de residência (Lansford, Deater-Deckard, & Bornstein, 2007). Ocorre à escala mundial e advém de fenómenos como a globalização, que favorecem a interligação e interdependência mundial, juntamente com a crescente circulação de bens, força de trabalho e de capital (Marques, 2003). É cada vez maior o número de países envolvidos ou afetados, de forma significativa, pela migração internacional, do que em qualquer outra altura na história. Sendo cada vez mais menos evidente, a divisão entre “países de origem” e “países de destino”, muitos são agora ambos (HDL, 2013). Estudos projetivos sustentam que, na Europa em 2050, uma em cada duas pessoas não será originária do país onde reside (Villanova, 2009).

Como em muitos países europeus, nas últimas décadas em Portugal a percentagem de imigrantes aumentou significativamente, passando de 207,000 imigrantes no ano 2000, para mais de 449.000 em 2010. Porém, em 2010 observou-se um ligeiro decréscimo na imigração em Portugal, devido aos impactos da crise económica e financeira, que originou a redução do investimento e do emprego, e à alteração dos processos migratórios em alguns países de origem, nomeadamente Brasil e Angola (SEF, 2011).

No final de 2011, a população estrangeira residente em Portugal totalizava 436.822 cidadãos, cerca de 84,9% dos imigrantes encontram-se em idade ativa (i.e., com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos), sendo que os jovens (i.e., dos 0 aos 14 anos) correspondem aos restantes 10,52%. Podemos constatar assim, que a proporção de filhos de imigrantes tem vindo a crescer exponencialmente, contribuído para a taxa de natalidade portuguesa (SEF, 2011).

Os Imigrantes são na sua maioria oriundos de países de língua portuguesa (47,9%), destacando-se o Brasil (25,5%), Cabo Verde (10,1%), Angola (4,9%) e Guiné-Bissau (4,2%). As restantes nacionalidades mais relevantes são a Ucrânia (11%) e a Roménia (9%) (SEF, 2011).

Deste modo, a imigração arrasta consigo o cruzamento de diferentes realidades étnico-culturais que não se diluem, que diferem significativamente em termos de valores, costumes e hábitos. Observamos no nosso quotidiano, uma diversidade cultural que pode ser entendida como uma mais-valia ou como ponto de fricção entre as culturas, originando tensões e conflitos (UNESCO, 2009).

A imigração pode ainda ser encarada como um fenómeno socioeconómico uma vez que contribui significativamente para o desenvolvimento e para a resolução dos problemas demográficos que ocorrem nos países desenvolvidos, nomeadamente: o aumento da natalidade, face a uma população envelhecida. Nestes países, a população imigrante, geralmente em idade ativa, é essencial para atender à escassez de mão-de-obra, contribuindo em várias atividades económicas. Além disso, trazem para o novo país novas capacidades e conhecimentos, relacionados com as tecnologias, o capital e o conhecimento institucional. Neste sentido, inspiram novas formas de pensar, sobre questões sociais e políticas (HDL, 2013; Dias & Gonçalves, 2007)

Por outro lado, nos países em desenvolvimento, onde os aspetos demográficos têm outras características, a migração surge, como um recurso contra a pobreza ou como solução para outras situações, nomeadamente catástrofes naturais, conflitos bélicos, políticos, étnicos e religiosos (Dias & Gonçalves, 2007).

Neste sentido, este fenómeno pode ser considerado um impulso positivo para o desenvolvimento de ambos os países, de origem e de destino, desde que suportado por um conjunto certo de políticas. Torna-se assim importante a realização de investigações no âmbito destes grupos populacionais, focando especialmente a adaptação aos países de acolhimento e os fatores de vulnerabilidade no processo de adaptação sociocultural.

A imigração pode ser motivada por vários fatores, a literatura recente salienta: as causas ambientais (e.g., catástrofes naturais), económicas (e.g., pobreza, diferença de recursos entre os vários países, aspirações a melhores condições de vida, globalização da economia), políticas e religiosas (e.g., guerras, conflitos, violações dos direitos humanos) e por último, a procura de cuidados de saúde, (WHO, 2003; HDL, 2013).

Os imigrantes pretendem no novo país a melhoria de condições de vida, porém, deparam-se com inúmeros problemas de natureza social, cultural e económica (Gaspar, Matos, Ribeiro, & Leal, 2006; Hernandez, Macartney, & Blanchard, 2009).

Na chegada ao novo país, os imigrantes confrontam-se com um contexto novo, que inclui diferenças do meio ambiente físico e social, choque de culturas e estilos de vida, barreiras linguísticas, diferenças nos sistemas administrativos e legais, entre outros. Estas circunstâncias podem resultar em problemas físicos, psicológicos e sociais, que muitas vezes associam-se a outros riscos inerentes ao próprio indivíduo e ao país de origem (Carballo & Nerukar, 2001).

Dentro dos fatores que comprometem a adaptação ao novo país, os estudos salientam: os problemas habitacionais e ambientais, as situações de pobreza e exclusão social. Os imigrantes são assim caracterizados por baixos níveis de escolaridade e de qualificação profissional, que se traduzem em vínculos laborais precários e desqualificados e em situações frequentes de desemprego, ou empregos mal remunerados, implicando assim baixos

rendimentos no agregado familiar. É igualmente frequente neste grupo populacional a falta de acesso aos direitos sociais básicos (e.g., segurança social), devido à ilegalidade em que muitos se encontram; existência de graves problemas sociais relacionados com o consumo excessivo de álcool e doenças infetocontagiosas; assim como presença de uma importante economia subterrânea ligada à droga e à prostituição. Frequentemente, residem em zonas degradadas com reduzidos serviços de âmbito social e de saúde, em condições habitacionais deficientes e sem infraestruturas básicas. Por último, a ocorrência de tensões e conflitos interétnicos entre diferentes grupos de residentes (Lansford, et al., 2007; Henry, Merten, Plunkett & Sands, 2008).

Por outro lado, o frequente isolamento social das populações imigrantes e a estigmatização e discriminação quanto à sua origem étnica, crenças religiosas ou estatuto de imigrante são também condicionantes a sua adaptação. No conjunto, estas situações podem colocar dificuldades ao nível da saúde mental dos imigrantes, que se encontram, muitas vezes, numa situação de grande *stress*, motivada pela rutura familiar e ansiedade quanto à sua situação no país de acolhimento. (Carballo & Nerukar, 2001).

2. Adolescentes imigrantes, enquanto grupo de risco.

Relativamente às crianças e adolescentes imigrantes, os estudos salientam elevadas taxas de insucesso e abandono escolar, em parte, devidas às dificuldades de domínio da língua estrangeira; situações frequentes de crianças em risco, deixadas na rua, sozinhas em casa com a porta trancada ou à guarda de irmãos mais velhos, ou de amas clandestinas (i.e., vizinhas), sem condições habitacionais, económicas e sociais (Lansford, et al., 2007).

Os adolescentes imigrantes, são o foco deste estudo, pois além de lidarem com todos os fatores de risco acima descritos, ao mesmo tempo enfrentam os desafios normativos deste período de desenvolvimento, incluindo a formação da identidade, a pressão dos colegas, transição para o ensino secundário, a construção individual da identidade, mudança no papel dos adultos significativos, a relevância dos pares e a adaptação às mudanças da puberdade (Guimarães, Lemos, & Nunes, 2012; Steinberg, Dahl, Keating, Kupfer, Masten, & Pine, 2006).

Na passagem da infância para a adolescência, o jovem terá de adquirir um novo código de condutas sociais, sendo que o contexto familiar e social/pares será fundamental para a concretização destas mudanças e novas adaptações. Neste sentido, durante esta fase desenvolvimental o jovem vai inevitavelmente afastar-se das figuras parentais, envolvendo-se proximamente em relações com os grupos de pares, na qual irá adquirir uma vida social, assim como referências de normas e estatuto, numa procura constante de autonomia (Silva, 2004).

Por outro lado, neste período ocorrem também mudanças a nível físico/biológico ligadas principalmente ao sistema endócrino, mudanças estas que poderão ter influência na autoimagem do jovem, cujo o corpo está a sofrer alterações (Cameron, 2004).

É também na adolescência que ocorre o desenvolvimento emocional. Segundo Cordeiro (2005), é neste período que o jovem desenvolve as aptidões: autoconhecimento e auto consciencialização, dando-se assim uma evolução nas capacidades introspectivas, permitindo-o reconhecer, diferenciar, coordenar e controlar os processos emocionais internos. Por outro lado, dá-se a abertura da individualidade aos outros, ajuda também a definir as competências que nos permitem perceber melhor os nossos pensamentos e emoções, ajudando a definir, igualmente atributos que nos tornam únicos e aumentam a nossa capacidade para experimentar sentimentos e emoções.

Todos estes processos cognitivos complexos, poderão trazer algumas alterações ao bem-estar psicológico do adolescente. Pois estas alterações têm sido associadas a um maior isolamento social, preocupação em ser aceite pelos outros, dificuldade em agir segundo os seus próprios padrões e sobrestimação da importância dos outros (Vartanian, 2000).

Neste sentido, durante a adolescência são vários contextos que poderão contribuir de forma propícia ou prejudicial para o crescimento e desenvolvimento do jovem, nomeadamente a família, a escola e os grupos de pares. Sendo que os desajustamentos ao nível destes contextos, poderá resultar numa condição emocional instável e/ou psicologicamente perturbada, o que origina um aumento significativo da tendência para estes jovens desenvolverem comportamentos de risco. Quando a sociedade ou comunidade que o rodeiam não lhe providência a confiança e a estabilidade necessária, para que o desenvolvimento do adolescente decorra dentro da normalidade (Silva, 2008), este opta muitas vezes pelo caminho da delinquência e consumo de substâncias (Mech, Turjeman & Fishman, 2008; Matos, Gaspar, Vitória, & Clemente, 2003).

Deste modo, algumas das dificuldades enfrentadas durante a adolescência podem, ser agravadas entre os adolescentes imigrantes, pois a todos estes fatores acrescenta-se o facto de os adolescentes crescerem entre dois padrões sociais e culturais distintos (i.e., entre as normas e os valores de sua cultura de acolhimento e as do seu contexto familiar). Muitos estudos sugerem que esta poderá ser uma experiência potencialmente geradora de conflitos no processo de construção de uma identidade social positiva (Martins & Silva, 2000; Huynh & Fuligni, 2010; Sandberg & Rutter, 2005; Neto, 2003; Gaspar & Matos-Gaspar, 2009).

Adolescentes oriundos de grupos étnico-culturais minoritários, pela peculiaridade das pressões que estão sujeitos (i.e., aculturação, discriminação, racismo, desenraizamento, intolerância, preconceito) podem demonstrar alterações conflituantes na identidade social e autoconceito, assim como uma tendência para evidenciar prevalência de condutas problemáticas (Gaspar & Matos-Gaspar, 2009; Matos, Gaspar *et al.*, 2006; Huynh & Fulligni, 2010; Lemos, Nunes & Guimarães, 2011; Pavlopoulos, Obradavic, Dalla, Takis, Papanthassiou, & Masten, 2008). Além disso, estão igualmente mais propensos a enfrentar a discriminação e vitimização (Huynh & Fulligni, 2010).

Hernandez e colaboradores (2009), reforçam a ideia, afirmando que as crianças e os jovens de famílias imigrantes, diferem da população nativa em aspetos como: a vida cultural, religiosa, linguística e na etnia, enfrentado assim grandes desafios comprometedores da sua integração civil e inclusão social.

O contexto escolar tem sido alvo de grande atenção nesta fase desenvolvimental, pois constitui um contexto primordial, que possui um impacto na identidade social e no comportamento dos jovens. É um dos contextos culturais e sociais mais importantes para os adolescentes imigrantes, pois expõe-nos a valores e a normas culturais e oferece uma variedade de experiências aculturativas (Pavlopoulos et al., 2008). Além disso, o desempenho académico, o convívio com os colegas, seguindo das regras e bem-estar psicológico, são importantes indicadores de adaptação durante este período de vida, o sucesso nestes domínios é avaliado através do contexto escolar (Pavlopoulos et al., 2008).

Neste sentido, é importante salientar outro leque de problemas relacionados com este contexto, os autores Conchas, Oserguera e Vigil (2012), constataram na sua investigação, que a mudança demográfica, as aspirações dos imigrantes, o estatuto económico baixo, a estabilidade familiar, o género e a identidade étnica, podem comprometer o desempenho académico dos jovens imigrantes.

O domínio da língua estrangeira tem sido igualmente apontado como uma barreira a adaptação destes jovens. Hernandez e colaboradores (2009) afirmam que os adolescentes e os pais que apresentam limitações no domínio da língua estrangeira, enfrentam grandes dificuldades na comunicação com os educadores, prestadores de cuidados de saúde e funcionários de serviço social, justiça e outras instituições. Em muitos casos as crianças e os adolescentes agem como o intermediário principal entre familiares e profissionais dos vários contextos institucionais. Este papel pode ser fundamental para ajudar famílias de imigrantes a integrarem-se num território desconhecido da sociedade, porém, pode também levar a conflitos, comprometendo os papéis de autoridade parental, típicos de pai-filho (Portes & Rumbaut, 2001; Pavlopoulos et al., 2008; Hernandez et al., 2008)

Os adolescentes imigrantes representam neste sentido, um grupo vulnerável, sendo que enfrentam vários desafios resultantes do processo de aculturação a uma nova sociedade dominante (i.e., aprender uma nova língua, reconhecer uma nova cultura, adaptação a novos contextos académicos e sociais) (Gaspar & Matos-Gaspar, 2009).

A aculturação surge neste contexto como uma forma de adaptação sociocultural que irá manifestar consequências no bem-estar dos imigrantes e na diminuição dos conflitos étnico-culturais. Este fenómeno é definido como um processo de mudança cultural e psicológica que ocorre como resultado do contato com grupos culturais e os seus membros individuais (Redfield, Linton, e Herskovits, 1936 citado por Lansford, et al., 2007).

Segundo Berry (1980 citado por Lansford, et al.,) existem quatro formas possíveis de cada elemento do grupo étnico participar numa sociedade onde a cultura é diversificada: (a) assimilação, onde os membros não desejam manter a identidade cultural, mas pretendem interagir e procurar outras culturas; (b) separação, onde pretendem manter a sua identidade cultural e pretendem evitar a interação com o outro; (c) integração, onde existe interesse em manter a cultura de origem, enquanto interagem com os outros; e por último (d) marginalização, onde há pouco interesse em manter a identidade cultural (muitas vezes imposto pela nova cultura), e pouco interesse em relacionar-se com outras pessoas (muitas vezes por razões de exclusão ou discriminação).

Sucesso na inclusão social é mais evidente entre crianças de famílias de imigrantes que participam nas culturas de ambos os países, de origem e o país de acolhimento, inclusive tornando-se fluentes em ambas as línguas (Hernandez et al., 2009). Neste sentido, a integração tem sido sugerida como sendo a estratégia mais plausível, na medida em que existe alguma integridade cultural que é mantida, sendo que ao mesmo tempo procuram tornar-se membros de um grupo etnocultural e participar como parte integral de uma larga rede social (Lansford, et al., 2007).

Por outro lado, as transições transculturais colocam exigências ainda maiores sobre a competência social e a capacidade de adaptação. Brown e Larson (2009) demonstram na sua investigação, que as competências sociais são fundamentais, que os adolescentes que evidenciam boas competências sociais ajustam-se mais facilmente que os seus pares, com fracas competências sociais, e são menos propensos a estar em risco em termos de seus resultados sociais, emocionais e académicos.

3. Competências sociais, enquanto fator de proteção.

As competências sociais são conjunto específico de comportamentos aceitáveis, que são aprendidos e que capacitam a pessoa a interagir com os outros (Gresham, Cook, Vance, Elliot & Kettler, 2010), revelando-se assim cruciais para ajudar os adolescentes a entenderem e a ajustarem-se aos diferentes contextos sociais (Steadly, Schwartz, Levin & Lucas, 2008).

Para as autoras, Lemos e Meneses (2002), as competências sociais implicam aptidões de interação com o mundo social, nomeadamente, o comportamento social, a adoção de capacidades sociais e a aceitação social. As autoras acrescentam ainda, que este é um constructo e multidimensional e interativo, que inclui fatores sociais e interpessoais, cognitivos e emocionais.

Neste sentido, as competências sociais são fundamentais para ajudar os adolescentes a compreenderem e a ajustarem-se aos diferentes contextos sociais (Steadly, et al., 2008) e são particularmente importantes em momentos difíceis, como a adaptação a um novo contexto.

Wong, Lam, Yan e Hung (2004, citados por Guimarães et al., 2012), constataram que estudantes imigrantes que utilizam as suas competências sociais de forma mais eficiente durante momentos de stress, apresentam melhores resultados ao nível da saúde mental. De acordo com estes autores as competências sociais possuem um efeito moderador sobre os fatores stressantes e são fundamentais para este grupo populacional mais vulnerável.

Por outro lado, verifica-se que a qualidade das relações que os adolescentes estabelecem com os seus pares, pode ser considerada um indicador de bom ajustamento na vida adulta (Silva, 2004). A aquisição de competências sociais, proporciona ao adolescente um maior bem-estar e autoestima e menores níveis de depressão, ansiedade, delinquência e comportamentos antissociais (Rubin, Dwyer, Booth-LaForce, Kim, Burgess, & Rose-Krasnor, 2004), neste sentido, pode-se afirmar que os jovens que por diferentes razões, não adquiriram essas competências ao longo do seu desenvolvimento, encontram-se em risco, constituindo potenciais alvos de um menor bem-estar psicológico.

Maleck e Elliot, (2002) e Guimarães e colaboradores (2012) também comprovaram que as competências sociais, de modo geral, estão positivamente associadas a uma boa adaptação aos contextos académicos e aos resultados escolares.

Deste modo, as competências sociais podem ser consideradas uma mais-valia, na medida em que as mesmas implicam competências de interação com o mundo social, nomeadamente, o comportamento social, a adoção de aptidões sociais e a aceitação social (Lemos & Meneses, 2002; Gaspar, et al., 2006; Bandeira, Rocha, Freitas, Del Prette, & Del Prette, 2006; Bandeira et al., 2009). A promoção das mesmas, pode constituir uma estratégia para impulsionar a construção de formas alternativas de lidar com os desafios e as situações onde os fatores sociais, económicos e ambientais podem constituir barreiras à adaptação (Gaspar, 2008).

III. Objetivo da Investigação

Com base nestes pressupostos, a presente investigação irá incidir sobretudo nas competências sociais enquanto uma mais-valia para a integração dos adolescentes imigrantes. Pretende-se sobretudo, analisar as competências sociais dos adolescentes imigrantes e dos adolescentes nativos, assim como as relações entre competências sociais dos mesmos e alguns indicadores de desempenho académico.

IV. Método

Participantes

Participaram no estudo 407 adolescentes (38% adolescentes imigrantes e 61,4% adolescentes nativos), com uma idade média de 14 anos, 54% raparigas e 45,5% rapazes, residentes no Algarve.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos e familiares (Lemos, Nunes & Ayala-Nunes, 2013), que permitiu recolher informações nos seguintes domínios: dados pessoais, dados relativos aos pais, informações acerca do agregado familiar, questões relativas à situação escolar e informações relativas a jovens imigrantes ou filhos de pais imigrantes. Este questionário permitiu recolher informação precisa sobre o desempenho académico, através de duas medidas diferentes mas relacionadas: média de notas escolares (calculada com base nas notas das principais disciplinas) e a quantidade e o tipo de faltas escolares obtidas nas últimas quatro semanas.

Para a avaliação das competências sociais, foi utilizada a *Social Skills Rating System* (SSRS), que consiste num instrumento criado por Frank M. Gresham e Stephen N. Elliott (1990) que permite realizar uma avaliação ampla das competências sociais de um estudante, entendidas como condutas aprendidas e socialmente aceites que possibilitam o adolescente interagir eficazmente com os outros. Na presente investigação será utilizada a versão portuguesa do instrumento desenvolvida por Nunes e Lemos (2010).

A escala é composta por 39 questões, que são respondidas em termos de frequência da ocorrência do comportamento indicado, assim como a importância do mesmo para o adolescente. Pode ser aplicada individualmente ou em grupo, com uma duração de preenchimento de aproximadamente 15 a 20 minutos.

A avaliação das competências sociais é realizada de acordo com 4 subescalas, nomeadamente: (a) cooperação: comportamentos como ajudar outros, partilhar materiais e ser condescendente com as regras (e.g., "Faço coisas boas pelos meus pais, como ajudar nas tarefas domésticas sem que me peçam."); (b) assertividade: comportamentos como pedir informações, falar sobre si e responder a ações dos outros; (c) empatia: comportamentos que mostram o respeito e preocupação pelos sentimentos e pontos de vista dos outros; (d) autocontrolo: comportamentos que surgem em situação de conflito, tais como responder apropriadamente a confrontos, tomar uma posição, assumir compromissos, entre outros, e que demonstram domínio sobre as próprias reações emocionais.

As dimensões supramencionadas permitem avaliar a competência social de crianças e jovens, considerando o seu grau de desenvolvimento, a existência de problemas significativos de comportamento social, permitindo assim tomar decisões face a seleção, classificação ou planificação de intervenções apropriadas aos mesmos. No presente estudo obtivemos uma consistência interna aceitável para todas as subescalas: Cooperação ($\alpha = 0,65$), Assertividade

($\alpha = 0,63$), Autocontrolo ($\alpha = 0,70$) e Empatia ($\alpha = 0,79$). O alfa de *Cronbach* para o total do SSRS foi de 0,87.

Procedimento

Após obtidas as autorizações da DGIC e dos diretores das escolas, foi solicitado um o consentimento informado aos pais e aos adolescentes, para a sua participação no estudo. O preenchimento dos questionários foi voluntário e decorreu nas respetivas salas de aula. O investigador esteve presente e disponível para responder a qualquer dúvida relativa ao conteúdo dos questionários.

Relativamente à análise dos dados, recorreu-se ao *software* estatístico SPSS 19.5. Na análise exploratória dos dados observámos uma distribuição normal, em que obtivemos valores de simetria e curtose > -2 e < 2 , pelo que foram utilizadas estatísticas paramétricas. Utilizámos as seguintes medidas descritivas: médias, frequências absolutas e relativas e desvio-padrão. Utilizámos como, medidas de associação e de contrastes de médias: a Correlação de Pearson, o Teste de Qui-Quadrado e a Anova).

V. Resultados

A amostra foi constituída por 114 rapazes nativos e 71 rapazes imigrantes, por 136 raparigas nativas e 86 raparigas imigrantes (tabela 1), sendo que maioria dos adolescentes vivia com ambos os pais (75,15). A idade média das mães dos adolescentes era 41,31 anos (SD= 5,52) e a dos pais 44,52 (SD= 6,49). Os imigrantes eram na sua maioria da 1ª geração (72,43%) (Tabela 2).

Tabela 1 - Distribuição dos adolescentes pelo estatuto de imigrante/nativo e sexo

<i>Estatuto imigrante</i>	<i>Estatuto e Género</i>				<i>Total N</i>
	<i>Nativos</i>		<i>Imigrantes</i>		
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	
Rapazes	114	45,60%	71	45,22%	185
Raparigas	136	54,40%	86	54,78%	222
Total	250	100%%	157	100%	407

Tabela 2- Dados sociodemográficos dos adolescentes imigrantes, geração, nacionalidade e estrutura familiar.

<i>Geração</i>		
	<i>N</i>	<i>%</i>
1ª Geração	113	72,43%
2ª Geração	43	27,57%
<i>Nacionalidades</i>		
África	43	28,28%
Brasil	23	15,13%
Europa de Leste	36	23,68%
Outros	50	32,89%
Total	152	100%

Os adolescentes eram na sua maioria oriundos de outros países (e.g., El Salvador, China) seguindo-se o continente africano e a Europa de leste e por último o Brasil (Figura 1).

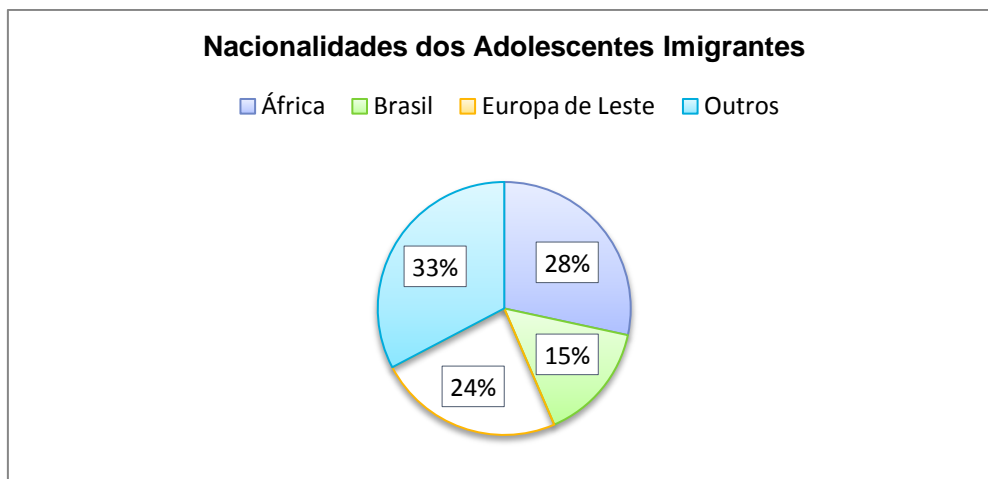


Figura 1 - Distribuição dos adolescentes imigrantes pelas diferentes nacionalidades.

Os adolescentes imigrantes chegaram ao país estrangeiro depois dos pais, pois a maioria vivia em Portugal a cerca de 6 anos, enquanto os pais residiam no país a mais tempo, os pais apresentavam uma média de 13 anos e as mães cerca de 12 anos (tabela 3). Nos adolescentes imigrantes e nos nativos a estrutura familiar predominante foi a biparental, não se tendo observado diferenças significativas entre os grupos (χ^2 (gl = 2, N= 407) = 0,200; $p = 0.905$) (tabela 4).

Tabela 1- Número de anos a residir no país estrangeiro

	<i>Número de anos a viver no país</i>	
	<i>M</i>	<i>SD</i>
Adolescente	6,94	3,22
Pai	13,89	9,35
Mãe	12,42	9,41

Tabela 2 - Estrutura familiar da amostra

<i>Estatuto imigrante</i>	<i>Estrutura Familiar</i>				
	<i>Nativos</i>		<i>Imigrantes</i>		<i>Total</i>
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>
Monoparental	56	21,0%	33	22,4%	89
Biparental	186	74,4%	118	75,2%	304
Outros	8	3,1%	6	3,8%	14
Total	250	100%	157	100%	407

No grupo dos adolescentes imigrantes, verificaram-se mais situações de desemprego do que nos nativos. E em ambos os casos os pais encontraram-se com mais frequência na situação a trabalhar, do que as mães, porém não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos, pais (χ^2 (gl = 1, N= 383) = 2,903; $p = 0.048$) e mães (χ^2 (gl = 1, N= 395) = 2,514; $p = 0.113$) (tabela 5).

Tabela 3 - Situação atual de emprego dos pais

<i>Pai</i>	<i>Situação de Emprego dos Pais</i>				
	<i>Nativos</i>		<i>Imigrantes</i>		<i>Total</i>
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>
Não Trabalha	17	7,1%	19	13,2%	99
Trabalha	222	92,9%	125	86,8%	296
Total	239	100%	144	100%	395
<i>Mãe</i>					
Não Trabalha	54	22,3%	45	29,4%	99
Trabalha	188	77,7%	108	70,6%	296
Total	242	100%	153	100%	395

Os pais dos adolescentes imigrantes apresentaram, na sua maioria, estudos primários e secundários incompletos e exerciam trabalhos não-qualificados, porém não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos no que respeita aos pais (χ^2 (gl. 3; $N = 358$) = 5,421; $p = 0.143$). No entanto, as mães imigrantes tinham trabalhos menos qualificados (χ^2 (gl. 2; $N = 320$) = 9,461; $p = 0.009$) (tabela 6).

Tabela 4 - Habilitações literárias dos pais e qualificação do trabalho atual.

Estudos	Nativos				Imigrantes			
	Pai		Mãe		Pai		Mãe	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sem estudos ou estudos primários incompletos	94	40,34%	67	28,51%	29	20,28%	27	17,88%
Primários completos	56	24,03%	60	25,53%	48	33,57%	37	24,50%
Secundários ou superiores incompletos	55	23,61%	73	31,06%	43	30,07%	63	41,72%
Superiores completos	28	12,02%	35	14,89%	23	16,08%	24	15,89%
<i>Qualificação do trabalho atual</i>								
Não-Qualificado	96	42,67%	86	43,87%	70	52,63%	76	61,29%
Semiquualificado	101	44,89%	78	39,79%	47	35,34%	36	29,03%
Qualificado	28	12,44%	32	16,33%	15	11,28%	12	9,68%

Os estudantes imigrantes relataram maior absentismo escolar quando comparados aos nativos ($F(1, 404) = 6,67$, $p = 0,01$). No entanto, não foram observadas diferenças significativas noutras variáveis de desempenho académico (Tabela 7).

Tabela 5. Desempenho académico dos adolescentes imigrantes e nativos.

	Imigrantes		Nativos		$F(df, N)$	r	p
	M	DP	M	DP			
Insucesso Escolar	0,62	0,93	0,64	1,03	0,05 (1; 404)	- 0,011	0,826
Absentismo Escolar	1,31	1,49	0,94	1,36	6,67 (1; 404)	0,127	0,010
Média de Notas	3,10	0,98	3,21	0,84	1,25 (1; 381)	- 0,057	0,265

Quanto ao desempenho académico, foram encontradas diferenças significativas referentes ao sexo, em ambos os grupos, sendo que os rapazes apresentaram mais insucesso académico que as raparigas, adolescentes nativos ($F(1; 250) = 9,97$, $p = 0,002$) e imigrantes ($F(1; 157) = 9,18$, $p = 0,003$) (tabela 8).

Tabela 6 - Diferenças no desempenho académico segundo o sexo e o estatuto de imigrante.

	<i>Dimensões</i> SSRS	Rapazes		Raparigas		<i>F (df,N)</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
		<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>			
Nativos	Insucesso Escolar	0,86	1,14	0,46	0,88	9,97 (1, 250)	- 0,197	0,002
	Absentismo Escolar	1,01	1,44	0,88	1,29	0,60 (1,250)	0,049	0,439
	Média Notas Escolares	3,11	0,87	3,30	0,80	3,09 (1,250)	- 0,115	0,080
Imigrantes	Insucesso Escolar	0,86	1,14	0,42	0,71	9,18 (1,157)	0,236	0,003
	Absentismo Escolar	1,27	1,44	1,34	1,48	0,10 (1,157)	-0,025	0,760
	Média Notas Escolares	2,98	0,87	3,21	1,18	1,99 (1,157)	- 0,115	0,160

No que diz respeito às competências sociais e ao desempenho académico, não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos, imigrantes ($M = 56,46$; $DP = 9,02$) e nativos ($M = 56,61$; $DP = 9,81$). Contudo, constatamos uma relação negativa entre a média de notas escolares e as competências sociais ($r = 0,231$; $p < 0,05$). Foi também encontrada, uma relação negativa e significativa entre a variável da escala controlo e o insucesso escolar ($r = -0,186$; $p < 0,05$). Verificou-se ainda, que as variáveis relacionadas com o desempenho académico estão significativamente relacionadas com o total da escala SSRS. A cooperação está igualmente relacionada com as três variáveis, o insucesso escolar ($r = -0,134$; $p < 0,05$), o absentismo escolar ($r = -0,143$; $p < 0,05$) e a média de notas escolares ($r = 0,225$; $p < 0,05$). Por outro lado, verifica-se, uma correlação positiva entre a assertividade e a média de notas escolares ($r = 0,143$; $p < 0,05$) (tabela 9).

Tabela 7 – Correlações entre o desempenho escolar e as competências sociais.

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. SSRS Total	-	,784**	,778**	,803**	,798**	-,163**	-,130*	,231**
2. Cooperação	,776**	-	,378**	,644**	,499**	-,134*	-,143*	,225**
3. Assertividade	,726**	,336**	-	,460**	,607**	-,087	-,060	,143*
4. Autocontrolo	,772**	,593**	,364**	-	,418**	-,186**	-,121	,184**
5. Empatia	,817**	,516**	,541**	,433**	-	-,106	-,091	,188**
6. Insucesso Escolar	-,105	-,004	,009	-,185	-,131	-	,136*	-,369**
7. Absentismo Escolar	-,131	-,093	-,086	-,096	-,129	,025	-	-,072
8. Média das Notas	-,035	-,083	-,052	,032	-,014	-,174*	,176*	-

<i>M Nativos</i>	56,61	15,42	12,83	12,97	15,38	0,64	0,94	3,21
(SD)	(9,81)	(2,80)	(2,14)	(3,31)	(3,14)	(1,02)	(1,36)	(0,84)
<i>M Imigrantes</i>	56,46	15,24	12,75	12,89	15,59	0,62	1,31	3,11
(SD)	(9,02)	(2,64)	(2,87)	(2,99)	(3,16)	(0,93)	(1,49)	(0,98)

Note: Os resultados dos adolescentes nativos encontram-se na seção superior da direita e a dos adolescentes imigrantes na parte inferior esquerda.

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Em ambos os grupos, verificamos diferenças significativas entre o sexo na dimensão empatia. As raparigas apresentaram níveis mais elevados de empatia do que os rapazes no grupo de imigrantes ($F(1; 157) = 8,68, p = 0,004$) e no grupo de nativos ($F(1; 250) = 25,99, p = 0,000$) (tabela 10). Por outro lado, nos adolescentes nativos, as raparigas apresentaram valores mais que os rapazes no total da escala ($F(1; 250) = 8,70, p = 0,003$) e o mesmo contata-se na dimensão cooperação, onde as raparigas apresentam igualmente valores mais elevados ($F(1; 250) = 104,07, p = 0,000$).

Tabela 8 - Diferenças nas competências sociais de acordo com o género.

	<i>Dimensões</i>	Rapazes		Raparigas		<i>F (df,N)</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
		<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>			
Nativos	Cooperação	14,20	2,85	16,01	2,61	104,07 (1,250)	- 0,231	.000
	Assertividade	12,96	3,35	12,73	2,97	0.33 (1,250)	0,036	.568
	Autocontrolo	12,64	3,47	13,25	3,16	2.11 (1,250)	-0,092	.147
	Empatia	14,32	3,39	16,26	2,63	25.99 (1,250)	- 0,308	.000
	SSRS Total	54,64	10,38	58,26	9,01	8.70 (1,250)	- 0,184	.003
Imigrantes	Cooperação	14,86	2,85	15,56	2,61	2.76 (1,157)	- 0,132	.098
	Assertividade	13,17	3,35	12,40	2,97	2.85 (1,157)	0,134	.093
	Controlo	12,62	3,47	13,12	3,16	1.07 (1,157)	-0,083	.303
	Empatia	14,79	3,39	16,24	2,63	8.68 (1,157)	- 0, 230	.004
	SSRS Total	55,44	10,38	57,31	9,01	1.69 (1,157)	- 0,104	.195

VI. Discussão

Os nossos resultados sugerem que não existem diferenças significativas entre os adolescentes imigrantes e nativos, nas competências sociais e no desempenho académico, o que pode ser considerado como um indicador positivo de adaptação para adolescentes imigrantes.

Alguns estudos sugerem que, apesar do estatuto socioeconómico baixo, entre os imigrantes, a sua adaptação pode revelar resultados tão bons e às vezes até melhores, do que os seus pares nacionais (Portes & Rumbaut, 2001). Sam e colaboradores (2003) reforçam esta ideia, afirmando que o desenvolvimento e aculturação ocorrem em simultâneo, sendo que os adolescentes imigrantes adquirem competências que permitem funcionar eficazmente nos novos contextos socioculturais.

Outros estudos referem a existência de um “paradoxo imigrante”, onde, ao contrário do esperado, os adolescentes imigrantes demonstram melhores resultados na saúde mental e na adaptação do que seus pares nacionais, apesar dos riscos a que estão expostos (Sam, Vedder, Liebkind, Neto & Virta, 2008). No mesmo raciocínio, Fry (2007), salienta que nas últimas décadas tem-se observado uma melhoria significativa do desempenho académico entre os adolescentes imigrantes, o que pode-se dever aos esforços desenvolvidos para favorecer a sua integração.

Em contrapartida, Pavlopoulos e colaboradores (2008) afirmam que o estatuto socioeconómico baixo, em que se encontra a maioria dos adolescentes imigrantes, possui um impacto negativo no desempenho académico dos adolescentes, na medida em que este influencia as expectativas dos professores.

Outro aspeto a salientar na presente investigação, é a importância das competências sociais para o desempenho académico. À semelhança de outros estudos (Maleck & Elliot, 2002) comprovou-se que as competências sociais, de modo geral, estão positivamente associadas a uma boa adaptação ao contexto académico e aos resultados escolares. O que por sua vez, pode ser justificado pelo facto de que para realizar novas aprendizagens, é necessário interagir, cooperar, regular o comportamento, focar a atenção e muitas outras habilidades que envolvem um bom desenvolvimento das competências sociais (Guimarães et al., 2012). Os mesmos resultados têm sido observados em investigações realizadas com populações nativas (Mansfield, Pinto, Parente, & Wortman, 2009).

Deste modo, podemos afirmar que os adolescentes que não conseguem desenvolver competências sociais eficazes podem enfrentar dificuldades para responder a estes novos desafios, evidenciando maus resultados, incluindo, níveis mais baixos de aproveitamento escolar.

Dentro das competências sociais, a variável autocontrolo foi a que mostrou uma associação mais forte com os resultados escolares. Esta relação positiva entre o autocontrolo e o desempenho académico tem sido observadas noutros estudos (Guimarães, et al., 2012; Mansfield, Pinto, Parente & Wortman, 2009). De acordo com Duckworth, Quinn e Goldman (2011), esta relação deve-se ao facto do autocontrolo ser uma competência fundamental para a realização de qualquer aprendizagem relacionada com o comportamento em sala de aula, assim como, em tarefas realizadas em casa.

Gaspar, Matos, Gonçalves e Ramos (2007), afirmam ainda, que o autocontrolo é uma variável preditora de comportamentos desajustados, nomeadamente o abuso de álcool e outras substâncias, comportamentos de violência e fraca capacidade de controlo emocional.

Salienta-se deste modo, a importância de uma melhor compreensão das competências sociais, uma vez que demonstram-se fundamentais para auxiliar os adolescentes a entenderem e a ajustarem-se aos diferentes contextos sociais. As intervenções direcionadas para estas competências, nomeadamente programas que visam desenvolvê-las e promovê-las, podem ser considerados uma mais-valia, no sentido em que melhorar as competências sociais na população escolar imigrante, pode ajudá-los a estar melhor preparados para enfrentar os desafios inerentes à sua condição, nomeadamente os fatores stressantes associados à adaptação a um novo contexto escolar, num novo país.

Tal como noutros estudos (Garaigordobil, 2009) observámos diferenças entre rapazes e raparigas em ambos os grupos. No que diz respeito aos adolescentes imigrantes, as raparigas tendem a demonstrar níveis mais elevados de empatia do que os rapazes. Segundo Feshbach e Feshbach (2009), a empatia é considerada uma competência fundamental no comportamento emocional e social, que pode contribuir significativamente para que um adolescente seja bem-sucedido em situações sociais e de aprendizagem.

Por outro lado, nos adolescentes nativos, observou-se que as raparigas apresentavam níveis mais elevados de cooperação que os rapazes, o que também tem sido salientado noutras investigações (Guimarães, et al., 2012).

Neste sentido, promover competências sociais, tais como a empatia e cooperação nos adolescentes nativos, pode contribuir para um ambiente que apoia o multiculturalismo e indiretamente promove melhores resultados académicos e favorece a integração dos alunos imigrantes (Chang & Le, 2010).

No que diz respeito às limitações da presente investigação, para uma clara e objetiva noção das competências sociais dos adolescentes, seria relevante considerar o uso de diferentes instrumentos e procedimentos, de diferentes indicadores diretos e indiretos dessas dimensões, e recorrer a diferentes informantes (i.e., pais, professores). Seria igualmente importante redefinir a variável desempenho académico, através da introdução de outras medidas e fontes de informação sobre o desempenho académico do adolescente (e.g., a percepção do adolescente sobre a escola e a aprendizagem), de modo a compreender melhor o impacto deste contexto nas competências sociais e na qualidade de vida dos adolescentes.

Na realização de estudos futuros, penso que seria útil estudar a explicação para as diferenças de género encontradas nas competências sociais, assim como as implicações dessas diferenças, na intervenção nas competências sociais.

VII. Conclusão

A adolescência é considerada um período de grandes desafios, onde ocorrem mudanças em termos de desenvolvimento emocional, de diferenciação e formação de identidade. No caso dos adolescentes imigrantes, o processo de aculturação intensifica os problemas típicos desta fase do desenvolvimento, originando mudanças significativas na noção de identidade individual, porque a todas as características típicas deste período, acrescenta-se o facto destes adolescentes crescerem entre dois padrões sociais e culturais distintos.

As competências sociais têm sido salientadas em diversas investigações, como um fator atenuante na predisposição de comportamentos de risco, ou seja, adolescentes com boas competências sociais, ajustam-se mais facilmente que os seus pares e são menos propensos a estar em risco em termos de seus resultados sociais, emocionais e académicos.

Na presente investigação, conclui-se que apesar das adversidades a que os adolescentes imigrantes estão expostos, revelam uma boa adaptação ao país, não apresentando diferenças significativas no que toca às competências sociais e ao desempenho académico. As competências sociais podem ser consideradas como fator de proteção, na medida em que estão positivamente associadas ao sucesso académico e a outros indicadores de adaptação.

VIII. Referências Bibliográficas

- Bandeira, M., Rocha, S., Freitas, L., Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais e variáveis sociodemográficas em estudantes do ensino fundamental. *Psicologia em Estudo*, 11 (3), 541-549.
- Bandeira, M., Rocha, S., Souza, T., Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2006). Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: Características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. *Estudos de Psicologia*, 11 (2), 199-208.
- Brown, B. & Larson, J. (2009). Peer relationships in adolescence. In R. Larven & L. Steiberg (Ed.). *Handbook of adolescent psychology* (pp. 74-103). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Cameron, J. (2004). Interrelationships between hormones, behaviour, and affect during adolescence. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1021, 134–142.
- Carballo, M., e Nerukar, A. (2001), "Migration, refugees, and health risks", *Emerging Infectious Diseases*, 7 (3), pp. 556-560.
- Chang, J. & Le, T.N. (2010) Multiculturalism as a dimension of school climate: the impact on the academic achievement of Asian American and Hispanic youth. *Cultural Diversity Minor Psychology*, 16 (4), 485-492.

- Conchas, G., Oserguera, L., & Vigil, J. (2012). Acculturation and school success: understanding the variability of mexican american youth adaptation across urban and suburban contexts. *Revista Urban*, 44 (2), 401-422.
- Cordeiro, R. (2005). Physical appearance and intimate friendship in adolescence: A study using a Portuguese college student sample. *Social Behavior and Personality*, 33 (1), 89-94.
- Dias, S., e Gonçalves, A. (2007). "Migração e Saúde". *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Saúde*, (1), 15-26
- Duckworth, A., Quinn, P., & Goldman, S. (2011). What no child left behind leaves behind: a comparison of the predictive validity of self-control and IQ for standardized test scores and report card grades. *Journal of Educational Psychology*. Advanced online publication: doi: 10.1037/a0026280.
- Feshbach, N. & Feshbach, S. (2009). Empathy and education. In Decety, J & Ickes, W. *The social neuroscience of empathy* (pp. 85-98). Massachusetts: Institute of Technology.
- Fry, R. (2007) Are Immigrant Youth Faring Better in U.S. Schools? *International Migration Review*, 41(3), 579–601
- Garaigordobil, M. (2009) A comparative analysis of Empathy in childhood and adolescence: gender differences and associated socio-emotional variables. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 9(2), 217-235.
- Gaspar, T. (2008). Promoção do bem-estar na adolescência: Impacto do estatuto socioeconómico e do estatuto migrante. *Análise Psicológica*, 26 (2), 265-279.
- Gaspar, T., & Matos-Gaspar, M. (2009). Adolescents lifestyles, ethnicity and socioeconomic status in Portugal. *Cognition, Brain, Behavior*, 8, (1), 49-57.
- Gaspar, T., Matos, M., Gonçalves, A., & Ramos, V. (2007). *Risco e Proteção: Adolescentes Migrantes*. Lisboa: Climepsi.
- Gaspar, T., Matos, M., Ribeiro, J. & Leal, I. (2006). Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira Cognição*, 2 , (2), 28-34
- Gresham, F., Cook, C., Vance, M., Elliot, S., & Kettler, R. (2010). Cross informant agreement for ratings for social skill and problem behavior ratings: An investigation of the social skills improvement system-rating scales. *Psychological Assessment*, 22 (1), 157-166.
- Guimarães, S., Lemos, I., & Nunes, C. (2012). Social competence and academic achievement in immigrant adolescents in Portugal. *Análisis y Modificación de Conducta*, 38(157-158), 7-38.

- Henry, C., Merte, M., Plunkett, S., & Sands, T. (2008). Neighborhood, parenting, and adolescent factors and academic achievement in latino adolescents from immigrant families. *Family Relations*, 57 (2), 579 –590.
- Hernandez, D. J., Macartney, S., & Blanchard, V. L. (2009). Children in immigrant families in eight affluent countries. *Their family, national and international context*. Florence: UNICEF Innocenti Research Centre. Acedido a 7 de Fevereiro de 2013 do web site: www.unicef-irc.org/publications.
- Hernandez, D., Denton, N., & Macartney, S. (2008). Children in immigrant families: looking to america's future. *Social policy report giving child and youth development knowledge away*, 22 (3), 3-23.
- High Level Dialogue on International Migration and Development United Nations General Assembly (2013). Sixty-eighth session. Concept Note. Acedido in 9th of January 2013. Acedido a 8 de Setembro de 2013 do web site: <http://www.un.org/esa/population/migration/hlmimd2013/highlevelmim2013.htm>.
- Huynh, V., & Fuligni, A. (2010) Discrimination Hurts: The Academic, Psychological, and Physical Well-Being of adolescents. *Journal of research on adolescence*, 20, (4), 916-941.
- Lansford, J., Deater-Deckard, K., & Bornstein, M. (2007). *Immigrant families in contemporary society*. New York: Guilford Press.
- Lemos, I., Nunes, C., & Ayala Nunes, L. (2013). Quality of life and stressful life events in first and second generation immigrant adolescents. *Journal of Spatial and Organizational Dynamics - Discussion Papers*, 14, 67-80.
- Lemos, I., Nunes, C., & Guimarães, S. (2011). Stressful life events and perceived well-being in immigrant adolescents from Portugal. *International Journal of Development and Educational Psychology*, 2 (1), 371-380.
- Lemos, M., & Meneses, H. (2002). A avaliação da competência social: Versão portuguesa da forma para professores do SSRS. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (3), 267-274.
- Maleck, C. & Elliot, S. (2002). Children's behaviours as predictors of academic achievement: a longitudinal analysis. *School psychology Quarterly*, 17 (1), 1-23.
- Mansfield, P., Pinto, B., Parente, D., & Wortman, W. (2009) College students and academic performance: a case of taking control. *NASPA Journal*, 46, 502-518.
- Marques, R., (2003). Políticas de gestão da diversidade étnico-cultural. *Observatório de Imigração*. Acedido a 7 de Fevereiro de 2013 do web site: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/rm/multiculturalismo.pdf>
- Martins, E. & Silva, J. (2000). *Cultura (s) e diversidade. Diversidade e Multiculturalidade*. Lisboa: ISPA.

- Matos, M., Gaspar, T., Vitória, P., & Clemente, M. (2003). *Adolescentes e o Tabaco: rapazes e raparigas*. Lisboa: FMH, CPT e Ministério da Saúde.
- Mesch, G., Turjeman, H. & Fichman, G. (2008). Perceived discrimination and the well-being of immigrant adolescents. *Journal Youth Adolescence*, 37(2), 592–604.
- Neto, F. (2003). *Estudos de Psicologia Intercultural: Nós e Outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nunes, C., & Lemos, I. (2010). Tradução da escala Sistema de Avaliação das Competências Sociais (SRSS). Documento não publicado. Universidade do Algarve.
- Pavlopoulos, F., Obradavic, J., Dalla, M., Takis, N., Papatthanassiou, A. and Masten, A.(2008). Immigration as a risk factor for adolescent adaptation in Greek urban schools. *European Journal of Developmental Psychology*. 5(2): 235-261.
- Portes, A., & Rumbaut, R. (2001). *Legacies: The story of the immigrant second generation*. Berkeley: University of California Press.
- Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth-LaForce, C., Kim, A. H., Burgess, K.B, & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, friendship, and psychological functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 24, 326–356.
- Sam, D. L., Kosic, A., & Oppedal, B. (2003). Where is “development” in acculturation theories? *Newsletter of the International Society for the Study of Behavioral Development*, 2(44), 4 – 7.
- Sam, D., Vedder, P., Liebkind, K., Neto, F. and Virta, E. (2008). Immigration, acculturation and the paradox of adaptation in Europe. *European Journal of Developmental Psychology*, 5(2), 138-158.
- Sandberg, S., & Rutter, M. (2005). *Child and adolescent Psychiatry*. Oxford: Blackwell
- SEF (2011) *Relatório de imigração fronteiras e asilo 2010*. Oeiras: SEF. Acedido a 4 de Março de 2013 do web site: www.sef.pt
- Silva, A. M. (2004). *Desenvolvimento de Competências Sociais nos Adolescentes*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Silva, M., & Murta, S. (2008). Treinamento de habilidades sociais para adolescentes: Uma experiencia no programa de atencao integral a família (PAIF). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22 (1), 136-143.
- Steadly, k., Schwartz, S., Levin, M., & Luke, S. (2008). Social skills and academic achievement. *Evidence for Education*, 3 (2). Acedido a 3 de Março de 2013 do web site: <http://nichcy.org/wp-content/uploads/docs/eesocialskills.pdf>

- Steinberg, L., Dahl, R., Keating, D., Kupfer, D., Masten, A., & Pine, D. (2006). *Psychopathology in adolescence: Integrating affective neuroscience with the study of context*. Hoboken, NJ: Wiley.
- UNESCO (2009). Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. *Organização das Nações Unidas para a educação e ciência e a cultura*. Acedido a 7 de Fevereiro de 2013 do web site: WWW.UNESCO.or/pt
- Vartanian, L. R. (2000). Revisiting the imaginary audience and personal fable constructs of adolescent egocentrism: a conceptual review. *Adolescence*, 35 (140), p.639.
- Villanova, R. (2009). Subalternidade/Competências de Minorias e Políticas de Integração Imigrantes da África Subsariana em França. *Cidades- Comunidades e Territórios*, 19 (2), 55-63.
- WHO. (2003). International Migration, Health and Human Rights. Acedido a 10 de Setembro de 2013 do web site: http://www.who.int/hhr/activities/en/intl_migration_hhr.pdf.

Anexos

Carta dirigida ao diretores da escola.

Carta dirigida aos encarregados de educação.

Exmo. Sr. Director Executivo da escola EB 2/3 João da Rosa

Faro, 3 de Outubro de 2010

Assunto: Pedido de autorização para recolha de dados

No âmbito da pesquisa empírica para a realização da tese de mestrado em Psicologia da Educação pela Universidade do Algarve, venho desta forma solicitar a Vossa Ex.^ª que autorize a administração de um questionário a alunos do (especificar cursos) desta escola.

Este trabalho, cuja orientação científica é efetuada pela Prof. Dra. Cristina Nunes, da Universidade do Algarve, tem por objetivo estudar As competências sociais dos adolescentes imigrantes e nativos. Pretende-se contribuir para uma melhor compreensão da temática que poderá ser útil na escolha das intervenções junto dos jovens.

A requerente compromete-se, por sua honra:

- a) A garantir a preservação da confidencialidade dos dados recolhidos;
- b) A não recolher a identidade dos alunos;
- c) A não utilizar os dados pessoais obtidos para fins diversos dos que determinaram o acesso.

Com os melhores cumprimentos,

Pede deferimento,

(Nome da aluna)

Aluna do Mestrado em Psicologia da Educação
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da
Universidade do Algarve

Gambelas, Outubro de 2012

Exm.º (*) Sr.(a) Encarregado de Educação

No âmbito de uma investigação de Dissertação Mestrado sobre **Competências Sociais de Adolescentes Imigrantes**, foi efetuado um pedido de autorização ao Conselho Executivo da Escola que o seu filho frequenta para que os alunos preencham alguns questionários sobre o tema. Na medida em que para este estudo necessitamos de dados relativos ao aluno, vimos desta forma, solicitar a sua autorização para que o seu filho(a) colabore como participante. **O presente trabalho é orientado pela Prof. Doutora Cristina Nunes da Universidade do Algarve.**

Desde já, está garantida a preservação de confidencialidade da informação recolhida e não será revelado qualquer dado que possibilite a identificação dos jovens.

Se no entanto **não autorizar** o preenchimento do questionário pelo seu educando, **peço-lhe que devolva**, na próxima semana, esta carta ao seu director de turma, bastando para isso preencher a parte inferior da folha com o nome e número do seu filho e assinando por baixo.

Grata pela sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

(Nome e assinatura da Aluna)

.....

EU, _____, encarregado de educação do aluno
_____ (aluno nº ____ da turma ____ do ____ ano)
NÃO AUTORIZO o meu educando a participar neste estudo.

(Assinatura do Encarregado de Educação)